

SOBRE O AUTO-RETRATO

FOTOGRAFIA E MODOS DE SUBJECTIVAÇÃO

Participação no ciclo de conferências “*O Lado oculto da investigação/ Terças-feiras com arte*” programação desenvolvida pela Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, em articulação com o Centro de Investigação e Inovação em Educação - InED (rec. FCT) da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

O objecto da nossa investigação centra-se no estudo da prática do auto-retrato no território da arte contemporânea, em cujo domínio o recurso à imagem fotográfica assume um papel preponderante. Desta forma, não pretendemos operar um qualquer tipo de sistematização do tema em análise ou desenvolver uma revisão historiográfica e crítica sobre o auto-retrato e a imagem fotográfica nem, tão pouco, como é frequente nos discursos sobre este objecto, enquadrá-lo no signo do narcisismo. Não escolhemos este caminho, na medida em que ele nos conduziria, inevitavelmente, a perspectivas psicanalíticas e clínicas as quais não configurariam o interesse desta pesquisa. O desvio em questão enquadra-se no facto de não pensarmos o auto-retrato a partir da noção de *Falta* e do lugar onde habitualmente o encontramos: a Psicologia ou a Psicanálise. Assim, movimentamos o discurso do seu lugar habitual, procuramos rearticulá-lo, arriscar outras direcções, outras séries com menos nexos e mais descontinuidades. Privilegiamos pontos de vista que, para os nossos objectivos, se ofereciam como mais produtivos.

Neste sentido, propusemo-nos:

- 1 – compreender até que ponto a fotografia, desde o século XIX e graças às suas características técnico-ideológicas, reforçava, melhor que outras linguagens, uma certa vontade de verdade assim cumprindo o mito oitocentista da crença no realismo óptico, a qual viria a acompanhar toda a teoria e prática fotográficas;
- 2 – reequacionar a importância da fotografia no mapa da arte contemporânea, sobretudo pelo facto de, após meio século de não reconhecimento no campo da arte, se ter vindo a constituir como suporte dominante na última metade do século XX; a imagem fotográfica estará presente nos programas artísticos que estabelecem novas relações no exercício radical da arte, operando fora das categorias tradicionais;

3 – reflectir sobre o dispositivo fotográfico no contexto da desinibição global capitalista, ao serviço da qual se restauram práticas, figuras e narrativas do sujeito, entre as quais as do auto-retrato;

4 – analisar as relações entre a fotografia e a prática do auto-retrato, explicitando em que medida a *vontade de verdade* é uma premissa comum ao mito do realismo óptico e às mistificações da identidade, da interioridade e das “epifanias” do artista;

5 – entender o auto-retrato como mecanismo panóptico, aparentemente transparente e libertador, que se procura constituir como resposta a uma questão de pendor essencialista : Quem sou eu?

6 – pensar o auto-retrato a partir da imagem fotográfica, recorrendo, não só, mas fundamentalmente, a algumas noções e conceitos presentes nas práticas artísticas e filosóficas contemporâneas. No entanto, a sociologia, a literatura e a teoria da arte, revelaram-se ainda auxiliares críticos de grande importância no processo de investigação.

Neste âmbito, e do ponto de vista metodológico, salientamos a centralidade que atribuímos à crítica nietzschiana dos fundamentos, à arqueologia dos saberes, à análise genealógica do eu moderno e às estratégias de poder imanentes à vontade de saber estudadas por Michel Foucault, passando pelas noções de des-territorialização e multiplicidade de Gilles Deleuze y Felix Guattari, ou pela sofisticada reflexão crítica de Peter Sloterdijk à contemporaneidade. De igual modo não podemos deixar de referir o recurso às sempre lúcidas e actuais críticas de Marx, Walter Benjamin, Guy Debord y Pierre Bourdieu ao sistema capitalista bem como às refinadas e inspiradoras palavras de Antonin Artaud, Jorge Luís Borges, Italo Calvino ou Samuel Beckett. Em todos eles encontramos o nosso próprio desdobramento.

Considerando estes territórios de mediação e premissas, outras hipóteses de leitura sobre o auto-retrato foram sendo construídas.

Representando a revolução industrial, a fotografia originará um novo processo crítico na história da imagem e da arte moderna. Desta, paradoxalmente, se afastará durante meio século. Com a invenção da câmara, os fotógrafos apropriam-se de um conjunto de temas com particular interesse para os pintores desde o século XV, entre os quais o auto-retrato fotográfico que participou claramente nessa vontade de verdade que marcou o século XIX. A imagem fotográfica objectivou, digamos assim, uma vocação neo-positivista e psicológica. Essa vontade de verdade que se manifestou como vontade de objectividade, era o que a *prova* fotográfica prometia. A prática do auto-retrato e a respectiva utilização

da fotografia, inscreve-se nesse desejo ambicionado pelo século XIX em aceder a uma qualquer verdade invisível. Não se trata apenas da verdade que o real supostamente oculta, mas também da identidade desconhecida de cada um. Assim, procurar o conhecimento de si parecia ser, no século XIX, uma das finalidades do auto-retrato: é esta a função que a fotografia, graças à sua natureza indiciária, cumpria melhor que a pintura.

Como se de um triângulo entre arte, ciência e exegese religiosa se tratasse, o auto-retrato fotográfico articula a confissão com o exame e a interdição, a recordação com a introspecção e a interpretação, a experiência e a relação da consciência consigo própria. Inscrevendo-se na cultura panóptica, o auto-retrato não se pode dissociar dessa necessidade moderna de medir, classificar as diferenças individuais, observar um estatuto de singularidade ou desvio, detalhes que tornam cada um, como diríamos hoje, num *case study*. A vida objectivada em imagem.

Paradoxalmente, e contrariando, desde o seu aparecimento, os conhecidos obstáculos à legitimação da fotografia como arte, será a imagem fotográfica que, sobretudo a partir da última metade do século XX se afirmará como espaço de reflexão dos grandes questionamentos que atravessam o campo da arte. Da *fotografia como arte à arte como fotografia* de Sontag – concretizando a profecia de Benjamin – será de facto a imagem fotográfica a contribuir para a transformação da noção tradicional de Arte a que assistimos há mais de meio século.

Desta forma, constatamos a exploração da virtualidade do *medium* fotográfico e a problematização da fotografia como prática isolada num certo purismo modernista. A abertura que, sobretudo a partir dos anos setenta, as instituições do mundo da arte, como galerias ou museus, revistas e outros espaços discursivos da arte manifestam em relação à imagem fotográfica, contribuem para a sua legitimação como paradigma das artes visuais, revelando o carácter estruturalmente e desde sempre eclético deste meio.

O auto-retrato contemporâneo, liberto da *determinación* ontológica constituiu-se como ligação sempre descontínua, inacabada. Especificidades convertidas em modelos para o século XX e XXI: uma iconografia fotográfica do género, corpo, sexualidade, violência, política, poder, vigilância, capital, exploração, globalização, etnia, guerra, morte, amor, proibido, doença, isolamento. Obsessões contemporâneas. Nem documento nem ficção, nem finito *nem infinito, acabado ou ilimitado, isto ou aquilo, uno ou múltiplo* para falar como Deleuze, mas antes ligação movél; não ou mas e. A identidade constituiu-se como simulacro, sem modelo e sem cópia.

Resta saber se a individualidade, reivindicada pelos movimientos sociais, foi tão normalizada pelas sociedades de controle como o fizeram as tecnologias

prisionais e clínicas da modernidade com a subjectividade moderna. Práticas artísticas ditas emergentes confrontam-nos com imagens da margem: corpos perversos, excessivos, ritualizados, enfermos, desfigurados, obscuros, activistas, estereotipados, mutilados; sempre imprevisíveis, convertem-se em frágeis representações. Assim, são efectivamente os mecanismos de poder da sexualidade que falam através do corpo quando acreditamos que é através do sexo que nos libertaremos. Esta ideia ainda permanece dado que a ruptura com esquemas repressivos fundados no sexo configura-se como horizonte crítico da representação fotográfica em diversos auto-retratos da nossa contemporaneidade. Neste domínio retomamos a inutilidade dos órgãos declarada por Artaud, Deleuze e Guattari quando apelam a um programa no qual se cruzam *Corpus e Socius, Política e Experimentação*. Subvertendo as teses mecanicistas, Deleuze e Guattari produzem um conceito de máquina que não apenas *representa* mas *produz* o funcionamento do homem e da natureza. A máquina é a mesma realidade na sua produção de desejo e de socius; o inconsciente constitui-se como campo de fluxos livres e não codificados. Em vez da falta, falamos da dinâmica, do poder das multiplicidades e das diferenças. Em vez de uma investigação sobre o que *isto significa*, escolhemos uma investigação sobre como *isto funciona*. Procuramos o que no auto se desloca de si mesmo.

Seria necessário uma metafísica do auto-retrato, a *história-antiquário* de cada um para que nela se encontrasse um qualquer fundamento, o território contínuo no qual a actualidade se radicaria. Uma idealizada coerência unitária e inalterável do começo. O que o auto-retrato nunca foi.

A autora escreve segundo a antiga ortografia.

EDUARDA NEVES – É licenciada em Filosofia e doutorada em Estética. É curadora independente e autora de vários artigos e livros sobre arte contemporânea. A sua atividade de investigação e curadoria articula os domínios da arte, filosofia e política. Colabora regularmente com a revista de arte Contemporânea. No biénio 2019-2020, integrou a

Comissão para a Aquisição de Arte Contemporânea do Estado Português. Em 2021 integrou o comité de aquisição para a colecção municipal de arte contemporânea, Porto. Actualmente, é docente e directora da Escola Superior Artística do Porto (ESAP).
+ info: <https://eduardaneves.pt/>